

Helena Rebelo

Universidade da Madeira

Ernesto Schmitz. Um interessado em questões linguísticas?

*Ao Dr. Morna,
que, gentil e pacientemente, abriu as portas da Biblioteca do Seminário do Funchal*

*A Gregor Ackermann de Aachen,
que pesquisou, em terras alemãs, informações complementares*

1 – Em torno de *Ernesto Schmitz*

Soa estranha a associação de um nome português, *Ernesto*, com um apelido alemão, *Schmitz*, nos primeiros contactos com a vida e a obra de Ernesto Schmitz. Quando se descobre que passou largos anos da sua vida na Madeira e que, segundo várias fontes, se naturalizou português, nesse espaço de tempo, começa a fazer sentido. Este facto pode, por si só, explicar a combinação dos nomes. Todavia, também se pode dever à adaptação ao português do nome próprio alemão *Ernest*, o que é bastante corrente na tradução. Não haverá certezas quanto a esta combinação de nomes porque toda a bibliografia consultada usa *Ernesto*. Aliás, encontraram-se alguns registos que acrescentaram *João*¹.

¹ *Ernesto João Schmitz e João Ernesto Schmitz*: registaram-se estas duas formas, predominando, contudo, a primeira. Poderá, este facto, indiciar um engano por parte de Eberhard Axel Wilhem, que grafa *Ernesto João*, em 1997, no seu artigo do *Jornal da Madeira (Sociedade*, 10 de Dezembro de 1997, pp. 24-25). Esta pesquisa deve-se a Ana Cláudia Gouveia de Pão do Curso de Ciências da Cultura), e *João Ernesto*, na obra do mesmo ano *Visitantes e Escritores Germânicos na Madeira. 1815-1915* (Funchal: DRAC, SRTC, Cadernos 3, 1997). Apesar deste pequeno equívoco, é a Eberhard Axel Wilhem que se devem os mais recentes estudos encontrados sobre Ernesto Schmitz.

Apesar destas dúvidas pontuais, tem-se a firme certeza que haveria da sua parte um grande domínio da língua portuguesa, assim como um interesse particular por algumas questões linguísticas. É o que se vai tentar demonstrar.

Quem passa mais de vinte anos numa localidade, ensinando e pesquisando, acaba por assimilar a língua da terra de acolhimento que adopta, confrontando-se, inevitavelmente, com o problema do plurilinguismo. Parece ter sido o que sucedeu com Ernesto Schmitz. Nos diversos números da revista *A Esperança*, no *Elucidário Madeirense*, na *Enciclopédia Luso-Brasileira* e em algumas outras publicações, recolheram-se diversas informações sobre a biobibliografia de Ernesto Schmitz que podem comprovar esta ideia.

1.1 – Uma Síntese Biográfica

Nascido em 1845², em Rheydt, entrou aos dezanove anos, a 25 de Setembro de 1864, para a Congregação da Missão de São Vicente de Paulo. Em 1874, então com vinte e nove anos, após ter sido expulso da Alemanha pelo Kulturkampf³, chegou à Madeira onde se tornou capelão do Hospício Dona Amélia. No fim desse ano, a 30 de Dezembro, partiu para Lisboa. Foi complexo o seu regresso à Madeira⁴.

² A *Enciclopédia Luso-Brasileira* (Lisboa: Verbo, 1963-1995), indica, por lapso, 1854.

³ Para a definição de “kulturkampf”, ver, por exemplo, a entrada da *Enciclopédia Luso-Brasileira*, *op. cit.*

⁴ Agradece-se aos actuais Sacerdotes da Missão do Funchal o acesso a alguma bibliografia. Apresentam-se vários excertos de *Apontamentos para a História da Província Portuguesa da Congregação da Missão* (Lisboa: Casa Central dos Padres da Missão, 1961) que revelam a divergência de ideias relativamente à presença dos padres da Congregação de Ernesto Schmitz na Madeira. A questão gira em torno do Hospício Dona Amélia. É caso para dizer que, provavelmente, se esta instituição não existisse, Ernesto Schmitz não teria passado pela Madeira, pelo menos é o que se depreende também de *Breve História da Província Portuguesa da Congregação da Missão* da autoria do Padre Adelino Ornelas (Lisboa: 1º ed. 1985, 2ª ed. Revista e actualizada 2003, Edição da Província Portuguesa da Congregação da Missão, 2004), que retoma muitas das observações da obra da qual se extraíram as seguintes citações:

Contudo, passados cerca de quatro anos, em Março de 1878, regressou e fixou residência no Funchal. Tem, nessa altura, trinta e três anos e, por diversas circunstâncias, passou a ser o Superior do Hospício D. Amélia. A vida de Ernesto Schmitz girou em torno do referido hospício e do Seminário Diocesano, orientado pelo novo bispo do Funchal. As relações entre o bispo D. Manuel Agostinho Barreto e o padre Ernesto Schmitz pareciam ser muito boas, senão veja-se o seguinte excerto da carta de 2 de Dezembro de 1977 do P. Miel ao Superior Geral:

-
- a – Numa carta de P.e Miel ao Superior Geral, P.e Boré: “O bom Sr. Bispo pediu o P.e Schmitz, que está lá a fazer bem, o Vigário Geral actual gosta dele, e o novo Bispo, qualquer que seja, não quererá desfazer o que existe e que o pode ajudar a ele. Parece-me, pois, que mais valia deixar lá o P.e Schmitz. Não preciso tanto dele neste momento, porque deparei com um bom padre francês que pus no lugar dele, na “Maitrise”. E o P.e Duplan há-de ajudar-me.” (1961:163)
- b – “Na realidade, o Conselho de Paris resolveu outra coisa. Ou por falta de pessoal, ou por outras razões que ignoramos, decidi que o P.e Schmitz regressasse a Lisboa (como de facto regressou a 30 de Dezembro de 1874), e com a sua saída se fechasse a casa dos Lazaristas no Funchal.” (1961:163)
- c – Outra carta do P.e Miel ao superior após a decisão de Paris de fechar a casa no Funchal: “(...) por causa do bem a fazer na Madeira. Este bem é possível e fácil. Bem o mostrou o P.e Schmitz metendo mãos à obra: assim o testemunha o pequeno relatório junto, que ele me enviou. [Não se conseguia encontrar este relatório de Ernesto Schmitz.]” (1961:164)
- d – Carta de 1877, da autoria do P. Miel para o Superior Geral: “O novo Bispo (D. Manuel Agostinho Barreto) já está no seu posto. É um prelado muito digno. Vi-o várias vezes em S. Luís e em casa dele, em Lisboa. Expressou-me toda a sua pena por não encontrar lá os nossos confrades. Protegerá as nossas Irmãs, e espera que viremos em seu auxílio. Queria já levar com ele o P.e Schmitz que se encontrava então em Lisboa. Este Bispo tem perto de 40 anos: parece muito firme e decidido.” (1961:172)
- e – O projecto do regresso dos missionários à Madeira parece ter sido em suma bem acolhido em Paris, graças aos bons serviços do P.e Pémartin. A carta do P.e Miel de 21-I-1878 traduz a sua alegria e os seus agradecimentos, e facilita a ida para o Funchal do P.e Schmitz, que pôde ser substituído em Santa Quitéria pelo P.e Fortucci, e que poderia ser acompanhado pelo P.e Bénit. (1961:175)
- f – A carta ao P. Pémartin [do P. Miel], de 21 de Janeiro de 78, alude à hipótese de uma pequena obra subsidiária a enxertar-se na obra fundamental do Hospício. É que ao projecto da fundação associava o Padre Geral a ideia da organização de uma escola apostólica madeirense. “É esse o desejo do Sr. Bispo – escrever o P.e Miel.

O Bispo poria à nossa disposição a igreja da Penga, onde ia prègar [sic] o P.e Schmitz, e encarregaria os nossos confrades dos retiros aos sacerdotes e aos ordenandos, e servir-se-ia dos nossos padres para o preceder em todas as freguesias onde ele mesmo fosse fazer a visita pastoral e dar a confirmação. (1961:173)

Penso, porém, que seria melhor que o P.e Schmitz a não começasse já, mas daqui a alguns meses. Eu lhe daria daqui todas as indicações. A ideia de V.R. de conduzir as crianças à Penha para as cerimónias é excelente.” (1961:176)

g – “A morte do P.e Bénit, ao qual tinha já sido mandada a patente de Superior do Funchal, uma patente que chegou a receber, que o apavorou muito mas que não chegou a utilizar, não impediu todavia aquela fundação. O P.e Schmitz com o Irmão Desidério Descheemaker, o “Frère Désiré” de S. Luís, partiram de Lisboa, como estava previsto, pelo vapor de 20 de Março de 1878. Temos notícias deles por uma carta do P.e Miel de 25 do mês seguinte.

“Agradeço-lhe, meu Hon.mo Padre (a carta é para o Superior Geral) o não ter, por causa da morte do P.e Bénit, suspenso o que estava resolvido acerca da Madeira. A tomada de posse imediata foi um bem.

O P.e Schmitz e o Ir. Desidério já lá estão instalados desde há um mês. Foram muito bem acolhidos. O Sr. Bispo do Funchal escreveu-me a esse propósito uma excelente carta. (...)”

Uma nota posterior informa que o P.e Sena Freitas teve ainda, antes de regressar ao continente, de prègar [sic] o retiro aos Seminaristas, que se saiu muito bem, e que o Sr. Bispo ficou muito contente, e gostaria de o guardar por lá. Pedê também, com instância, um companheiro para o P.e Schmitz, e com não menos instância pede o P.e Schmitz, sobrecarregado de trabalho, que lhe mandem um Superior que vá trabalhar com ele. (1961:177)

h – Foi enviado o padre Leão Xavier Prévôt: “Estes dois confrades – escreve, algum tempo depois, o P.e Miel – além do serviço do Hospício, têm à sua disposição uma pequena igreja (era a da Penha) onde confessam e ensinam o catecismo, ajudam o Bispo na direcção do seu Seminário, e o P.e Schmitz acaba de se associar às Missões, podendo estas inaugurar-se (sob a nossa direcção) quando se mandar para lá um padre como director.” (1961:178)

i – No entanto, as obras existentes na Madeira prosperavam, e o P.e Miel pode informar, em Novembro de 1878, que se estão lá conseguindo óptimos resultados, e que o Sr. Bispo do Funchal está encantado com os P.es Schmitz e Prévôt. Em 1879, o P.e Schmitz recebeu patente de Superior na Madeira (Hospício). Foi o ano em que o Superior Geral, P.e Fiat, visitou as casas de Portugal. (...) (1961:179)

j – 5) P.e Ernesto Schmitz, desde Março de 1878 até 27 de Setembro de 1881. – na Lista de superiores e pessoal do Hospício (1961:182)

Seria normal, então, os padres visitarem todas as freguesias da ilha. Veja-se, ainda, outra seguinte citação de *Apontamentos para a História da Província Portuguesa da Congregação da Missão*, esta acerca da nomeação de Ernesto Schmitz como superior:

A respeito do novo Superior nomeado exprime-se [o Bispo do Funchal] assim: “Espero que o P.e Schmitz há-de ser, no seu novo cargo, tão favorecido dos dons de Deus como tem sido até agora, e todos teremos de nos felicitar pela sua nomeação para Superior.”

Assim foi. Com efeito. Mas em 1881, a pedido do Sr. Bispo do Funchal, tomaram os Padres Lazaristas a direcção do Seminário, e foi o P.e Schmitz escolhido para a nova casa e tomar o governo dela. Em 19 de Abril desse ano, escreve o P.e Miel ao Superior Geral: “Há-de ser preciso um Superior para o Hospício, porque o P.e Schmitz fica no Seminário e é lá a sua casa.” Provisoriamente, ia ele tendo a responsabilidade das duas comunidades. (1961:179)

Portanto, a 27 de Setembro de 1881⁵, o bispo do D. Manuel Agostinho Barreto⁶, que tinha sido apresentado como bispo do Funchal

[P.e José Maria Luís Garcia] Foi transferido para o Seminário do Funchal, depois da saída do P.e Schmitz, a 19 de Setembro do ano seguinte [1898], regressando ao Hospício, como assistente, a 22 de de Setembro de 1903. (1961:184)

⁵ Síntese dos acontecimentos na versão dactilografada do *Apontamentos*: “O P.e Ernesto Schmitz, que fora expulso da Alemanha pelo Kulturkampf, entrou no Hospício a 17 de Agosto de 1874, mas de lá saiu [sic], com os lazaristas da Madeira, por ordem de Paris, a 30 de Dezembro do mesmo ano. Depois de ter estado em Santa Quitéria regressou ao Hospício a 22 de Março de 1878, sendo como dissemos, nomeado então Superior da casa. Foi a 27 de Setembro de 1881 que transitou para o Seminário.” (1961:183)

⁶ No *Elucidário* Madeirense, há uma entrada com o nome do bispo, o que revela bem a sua importância. D. Manuel Agostinho Barreto (1835-1911) nasceu na freguesia de Coentral (Coimbra), tendo tirado o curso de teologia na Universidade de Coimbra. Foi apresentado como bispo do Funchal a 8 de Julho de 1876 e terá vindo para a região em 1877. Reformou o Seminário Diocesano do Funchal, iniciando um curso completo de estudos preparatórios. Foi este motivo que o levou a convidar Ernesto Schmitz, director, durante alguns anos, dessa instituição. Segundo o *Elucidário*, a cargo de Ernesto Schmitz esteve o “museu de zoologia” e o “gabinete de física”.

a 8 de Junho de 1876, nomeou-o professor e Vice-Reitor do Seminário Diocesano do Funchal, depositando nele uma grande confiança.

Contrariamente à ideia vigente, isto é, que teria a seu cargo o ensino das Ciências Naturais, Ernesto Schmitz, a fazer fê no que afirma a citação *infra*, parece ter sido contratado para leccionar História e Geografia aos seminaristas.

(...) o P.e Miel na sua carta ao Geral de 18 de Outubro de 1878: transmite-lhe o pedido do Sr. Bispo para que autorize o padre Schmitz a dar algumas lições de história e de geografia no seu Seminário; diz-lhe não ter o Prelado ninguém de confiança para esse cargo, e suplica não lhe seja recusado esse serviço, que nas circunstâncias presentes bem difícil seria recusar-lhe. Acrescenta, no entanto, só recear um excesso de fadiga para o P.e Schmitz, já sobrecarregado de trabalho. (1961:178)

A sua polivalência parece ser indubitável. Não se duvida, no entanto, que terá leccionado também Ciências Naturais, de onde se compreenderia a origem de todos os trabalhos que empreendeu e publicou nesse domínio. Terá motivado os seminaristas para a Ciência em geral. A sua influência nas gerações de sacerdotes madeirenses foi notória, tanto no domínio cultural, como científico, o que se verá mais à frente.

Em 1898, com cinquenta e três anos, e após um pouco mais do que vinte anos de permanência na Madeira, vai para a Bélgica, para a localidade de Theux. Regressa de novo à Madeira e ao Seminário em 1902, isto é, passados quatro anos de ausência. Despedir-se-á definitivamente da Região em 1908, com 63 anos de idade e cerca de 26 vividos na Madeira, ou seja, grande parte da sua vida. Partiu para Jerusalém para obedecer aos superiores e por motivos governamentais alemães, uma vez que o Governo Imperial Alemão o tinha reabilitado. Manteve contactos com a Madeira após a sua ida para a Palestina: em 1914, passou para junto do Lago de Tiberíades, no Hospício de Tabgha, e, em 1920, foi para Haia, no Hospício de São Carlos. Dessa permanência na Terra Santa, o *Elucidário Madeirense* dá conta de uma carta escrita por Ernesto Schmitz ao Director da revista *Esperança*, publicação mensal dos Estudante do Seminário Diocesano. A consulta de diversos

números da revista, revelou que escreveu mais do que uma⁷. Faleceu na Palestina com setenta e sete anos, a 3 de Dezembro de 1922.

É curioso constatar que, por razões políticas, foi expulso do seu país natal, a Prússia, e, de novo por motivos políticos, deixou a terra da sua afeição. Foi na Madeira que Ernesto Schmitz se tornou um vulto representativo da Ilha e dos Mapas da Cultura pela obra que aí realizou e deixou.

1.2 – A Obra Feita

Do seu interesse pelas Ciências Naturais, terá nascido o Museu de História Natural do Funchal, do qual ainda hoje existem alguns vestígios no Jardim Botânico. Ao longo dos anos que leccionou no Seminário, juntou exemplares da fauna madeirense que faziam a particularidade deste Museu. Quando partiu, em 1908, deixou esta instituição museológica, situada no Seminário, uma casa ao largo do Visconde do Ribeiro Real, no edifício da Encarnação, aos cuidados do Padre Jaime de Gouveia Barreto, que seria o director seguinte. Era famosa a colecção de algas marinhas de Ernesto Schmitz. Não terá sido por acaso que esteve a bordo do *Princess Alice*, barco do Príncipe do Mónaco da época, e que integrou a campanha científica realizada em 1897.

Sendo essencialmente ornitólogo, interessava-se também pela zoologia em geral, pela botânica, pela mineralogia e pela geologia. Algumas espécies vieram mesmo a ter o seu nome. As suas múltiplas publicações encontram-se dispersas e foram listadas, por exemplo, por Eberhard Axel Wilhem⁸, em *Visitantes e Escritores Germânicos na Madeira. 1815-1915*.

A comunidade científica portuguesa reconheceu-o como um vulto importante e valorizou as suas pesquisas, que ultrapassaram as fronteiras nacionais. Em 1899, apesar de se encontrar na Bélgica, foi

⁷ O levantamento desta correspondência ainda está incompleto, visto não ter havido oportunidade para consultar todos os números desta revista e por não se terem encontrado todos. Todavia, nos números existentes na actual biblioteca do Seminário do Funchal, contaram-se pelo menos quinze cartas de Ernesto Schmitz.

⁸ Eberhard Axel Wilhem – *op. cit.*, pp. 78-83.

eleito sócio correspondente da Academia das Ciências de Lisboa. Em 1900, publicou o estudo “As Aves da Madeira”, nos *Anais das Ciências Naturais* do Porto, volume VII. Em 1905, representou a Madeira no Congresso Ornitológico Internacional de Londres. Em 1907, foi eleito sócio da Sociedade Portuguesa de Ciências Naturais.

1.3 – As Influências

Nos anos que leccionou no Seminário do Funchal, de 1881 a 1898 e, pensa-se que, de 1902 a 1908, formou várias gerações de sacerdotes ou de jovens que nunca vieram a sê-lo, como é o caso de Augusto Correia de Gouveia⁹ ou de Joaquim Carlos de Souza. Compreende-se bem as influências que exerceu nas pessoas que formou, com a homenagem que lhe fizeram em 1908, na altura da sua partida.

A publicação *Preito e Homenagem*, da responsabilidade dos alunos do Seminário, retrata, perfeitamente, a gratidão que todos sentiam por este homem, que lhes dedicara muita atenção e os ensinara, acima de tudo, a amar o estudo e a Ciência. Este número único foi publicado a 7 de Julho de 1908. A maioria dos artigos é assinada por nomes importantes da Sociedade Madeirense da época. São os seguintes, os nomes portugueses: Manoel Theotonio Gliz, Manoel Vascelos da Encarnação, António Pinto da Silva, Arthur Gomes dos Santos, Francisco Fulgencio d’Andrade (F.F.A.), José Vicente de Paulo Jardim (J.V.P.J), Sebastião Anthero Gliz António Roiz Jardim, Artur Jardim de Oliveira, Cónego Ayres Pacheco, Cónego Pereira Ribeiro, J. Reis Gomes, Padre Alves Martins (capelão militar), Padre João Vieira Caetano (Santa Cruz), Conego Manuel Gonsalves Salvador, M. Sardinha, Padre Jacintho Nunes, Carlos A. Menezes (um dos autores do *Elucidário Madeirense*), Cónego Eduardo M. B. Leça, Cónego A. Homem de Gouveia, Padre Laurindo Leonildo Leal Pestana, Padre Filippe, Jayme de Gouvea (J. G.) Barreto (escreve em latim), Padre Fernando Augusto da Silva

⁹ Ver *Preito e Homenagem*, número único, Funchal, *O Jornal*, 07-07-1908. Esta publicação merece uma análise detalhada e, por si só, um artigo. Portanto, não se irão tecer grandes comentários a seu respeito, neste texto.

(o outro autor do *Elucidário Madeirense*), Cónego Nascimento, Padre Camacho, Baptista Santos (poema), Padre José Eduardo de Faria (Arco de S. Jorge), João Augusto de Freitas, Padre Mario Geraldo Jardim (S. Vicente, Vasco Thiago Nunes Quental, Alberto Arthur (figura ilustre), Augusto Correia de Gouveia, Padre José Marcellino de Freitas (Arco da Calheta), Padre Manuel Thiago de Pontes (Arco da Calheta), Joaquim Carlos de Souza e Jayme Câmara (escritor).

Seria importante relacionar cada nome com Ernesto Schmitz e ver em que medida houve influência. Contudo, esta lista, sem grandes detalhes, dá uma ideia concreta da popularidade de Ernesto Schmitz, especialmente em ex-alunos seus, sacerdotes de várias paróquias da ilha. Se se alargasse a todos os ex-alunos seria muito extensa. Entre estes, apenas alguns participaram na homenagem escrita e, destes, quase todos referem o seu grande saber. É curioso que reapareçam, nesta publicação, línguas faladas e conhecidas por Ernesto Schmitz, a quem devem ter entregue esta homenagem escrita. Nela, registam-se diversos textos em português, em alemão, em inglês, em latim, em francês e em esperanto.

Afirma, na sua homenagem, o ex-aluno, Augusto Correia de Gouveia, que Ernesto Schmitz expulsou do Seminário devido às leituras “de todos os livros e papeluchos”, “ainda os mais dissolventes”:

Elle falla allemão que é a língua pátria, portuguez que é a língua adoptiva, francez e inglez línguas em que se exprime com grande correcção.

Das línguas mortas falla o grego e o latim sem difficuldade.

E tudo isto adquirido á força de estudo, de methodo e de trabalho. (s/p)

2 – Ernesto Schmitz e Alguns Detalhes Linguísticos

Das informações recolhidas sobre Ernesto Schmitz, sobressai uma questão: terá tido algum interesse por aspectos linguísticos, além dos relacionados com as Ciências Naturais, sobretudo o que se prende com a nomenclatura? A resposta parece clara e afirmativa. Aliás, a comprová-lo, encontrou-se na *Enciclopédia Luso-Brasileira*, na entrada SCHMITZ (Padre Ernesto João), a seguinte afirmação:

Foi também um notável poliglota, conhecendo, além do alemão (idioma pátrio), o grego, o latim, o inglês, o francês, o italiano, o português e o espanhol. Não obstante estrangeiro de nascimento era um verdadeiro mestre na etimologia, semântica e gramática portuguesa. E dedicou-se ainda ao estudo do esperanto, como língua internacional, pelo qual se apaixonara e que introduziu na ilha da Madeira, criando ali, então, muitos adeptos. (879)

Este artigo menciona o esperanto e, em *Preito e Homenagem*, há um texto nesta língua da autoria de Herbert F. Hoveler. Este parece ser proveniente de Londres (“Londono” – Londres?). Por aquilo que se pode deduzir, este artigo aborda, em parte, a questão da Babel das línguas e da importância do esperanto para solucionar este problema, especialmente em Jerusalém, para onde Ernesto Schmitz ia. Veja-se:

Mi ghojas, ke “patro” Schmitz estas Esperantista.

En tia Babelo de lingvoj, kia estas Jeruzalemo. Esperanto povas ianr esti de grandega utilo.

Mi legis en ia germana gazeto anta une longo.

Krom la germana lingvo P. Schmitz parolas ankaŭ flue la portugalan, francan kaj la anglan lingvojn. Tiuj ecoj shanas ekstreme kapabligh lin por la posteno de Direktoro de la Germana Hospico en Jeruzalemo.

Interkrampe me aldonis per kraĵano: “Kaj la lingvon Esperanto”. (s/p)

2.1 – O Esperanto

No sentido de suprir as dificuldades do plurilinguismo, pensa-se que Ernesto Schmitz foi divulgando o esperanto¹⁰. Devia julgar que seria a solução para a questão da diversidade de línguas faladas. De modo que se pode dizer que Ernesto Schmitz se interessou directamente por questões linguísticas.

¹⁰ Ver Umberto Eco, *A Procura da Língua Perfeita* (Lisboa: Editorial Presença, 1996), pp. 301-303.

O nascimento do Esperanto dever-se-á ao Doutor Lejzer Ludwik Zamenhof, nomeadamente ao seu livro *Língua Internacional. Prefácio e Manual Completo*

No nº 22 da revista *A Esperança*¹¹, da qual era colaborador, publicou um artigo sobre o esperanto que enviara de Haifa. Lê-se o seguinte, relativamente à divulgação de “dois congressos internacionais de esperantistas na Haya, capital da Holanda; de 10 a 15 d’Agosto para esperantistas de qualquer religião, de 10 a 17 para esperantistas catholicos”:

Cada vez mais se impõe a necessidade d’uma língua commum para congressos internacionaes de qualquer natureza, e para uma acção commum e vigorosa de todas as sociedades nacionaes, separadas umas das outras pela diversidade da língua, e por isso mais ou menos paralyzadas na sua acção. (172)

Sendo poliglota, por que razão terá defendido o recurso a uma única língua? Porquê o esperanto? Por que não o latim que ele também dominava? Naquela altura, em finais do século XIX e primeiras décadas do século XX, o inglês ainda não vingava. Terá sido exactamente por falar diversas línguas que sentiu a necessidade de reduzi-las a uma? Terá sentido que a tradução era tempo perdido?

No texto onde defende a existência de uma única língua para os congressos internacionais, informa, mais adiante, que serão, sobretudo, os católicos a beneficiar desta unificação linguística. Terá sido por

(*para Russos*), publicado em Varsóvia, no ano de 1887, pela Tipografia Kelter. A designação resultará do pseudónimo do autor na assinatura do livro “Doktoro Esperanto (Doutor Que Espera)” (p. 301).

“Nascido uma família judia de Bialystok, na região lituana pertencente ao reino da Polónia, que por outro lado, se encontrava sob o domínio do czar, Zamenhof crescera num crisol de raças e de línguas, abalado por impulsos nacionalistas e vagas permanentes de anti-semitismo. A experiência da opressão e depois da perseguição protagonizadas pelo governo czarista contra os intelectuais, sobretudo judeus, associara a ideia de uma língua universal à ideia da concórdia entre os povos. (...), mais do antever o fim da Diáspora enquanto regresso à língua dos antepassados, pensava que os Judeus de todo o mundo se poderiam unir precisamente graças a uma nova língua.” (p. 301)

Umberto Eco indica que, na actualidade, persiste a nível internacional um movimento defensor do esperanto. Foi curioso encontrar num conto de Inês Pedrosa em *Fica Comigo esta Noite* (Mem Martins: Círculo de Leitores, 2004), “Europa, Plano Nocturno”, vestígios desta língua artificial.

¹¹ *A Esperança*, nº 22, ano 2, 15 de Janeiro de 1921, pp. 171-172.

motivos religiosos que defendeu uma única língua? A pergunta surge de novo: o latim não podia preencher este espaço? Crê-se que no seguinte excerto, bastante longo, de *A Europa das Línguas*¹², será possível encontrar alguns esboços de respostas a estas perguntas, que colocam o problema da relação de Ernesto Schmitz com as línguas e a reflexão linguística:

Ainda no séc. XVIII e começos do século XIX, na maior parte das universidades europeias as teses eram redigidas em latim, assim o tendo feito Kant, por exemplo, embora isto se tenha ido tornando uma demonstração de tradicionalismo de justificação cada vez mais difícil. De forma que, na segunda metade do séc. XIX, quando se regulamentou o ensino secundário na maioria dos países da Europa como caminho para entrar na universidade, concedeu-se um lugar importante ao ensino do latim e do grego, mas mais como uma introdução à cultura humanista do que com a esperança de que os alunos chegassem a utilizá-los como meio de expressão e de comunicação. Aprendiam-se já como “línguas mortas” em contraste com as chamadas línguas vivas.

Só a Igreja continuou a utilizar o latim no seu funcionamento interno, na liturgia e na formação dos eclesiásticos. Mas com o séc. XX, mesmo este uso começou a decair. (...)

O uso sistemático do latim como veículo do saber e da cultura teve como consequência que todo o nosso vocabulário científico, no sentido mais amplo da palavra – da metafísica à matemática, da botânica à medicina, do direito à administração –, seja derivado directamente do latim ou do grego (neste caso, muitas vezes através do latim) [sic] Trata-se de um vocabulário que é rigorosamente homogéneo não só entre as línguas românicas mas também em todas as línguas da Europa. Ainda hoje se recorre a raízes greco-latinas para inventar novas denominações.

Quando no passado se propuseram línguas artificiais, como o esperanto, para facilitar a comunicação internacional sem ter de depender de uma língua nacional determinada, houve quem pensasse que o latim poderia ocupar esse lugar. Chegou a surgir uma forma simplificada de latim, o que por algum tempo despertou um certo interesse. Mas hoje a possibilidade de o latim voltar a ser língua comum dos europeus parece definitivamente perdida. (30-31)

¹² Miquel Siguan, *A Europa das Línguas* (Lisboa: Terramar, 1996).

Assim sendo, o latim foi perdendo força e surgiram línguas artificiais, como o esperanto, para defender a existência de uma única língua. Na pesquisa realizada, não se encontrou nenhum texto de Ernesto Schmitz em esperanto. Todavia, o mesmo não aconteceu com o português. O domínio da língua portuguesa de Ernesto Schmitz está patente, caso não tenha tido a revisão de terceiros, o que se crê que tenha sucedido, nos artigos sobre, por exemplo, os pássaros da Madeira. Estes foram, inicialmente, publicados em alemão. A versão portuguesa é uma continuação da investigação que tinha editado na língua nativa.

2.2 – O Português e a sua Variante Regional

Como já se disse, quem passa mais de 20 anos numa terra acaba por ter um considerável domínio da língua aí falada. Crê-se que terá sido o que aconteceu com o português de Ernesto Schmitz. Não se acredita que, nos estudos regulares feitos na Prússia, ele tenha aprendido português. Poderia, no máximo, conhecer o francês e o inglês, que, segundo Miquel Siguan, eram as línguas estrangeiras do ensino de então¹³.

Em *Apontamentos para a História da Província Portuguesa da Congregação da Missão*, encontrou-se um extracto de uma carta, datada de 2 de Maio de 1875, escrita pelo P. Miel ao Secretário Geral da Congregação, onde é dito que o domínio da língua portuguesa era indispensável para a missão:

O trabalho, sem dúvida, não pode ser, no princípio muito considerável, sobretudo se os confrades não souberem todos português: mas vi-lo-á a ser; em piores condições começámos nós em S. Luís, e o bem foi-se fazendo, bem depressa, com o tempo. (1961:169-170)

Naquele ano, noutra carta datada de 21 de Maio, o P. Miel afirma, ao mesmo destinatário, que Ernesto Schmitz domina a língua portuguesa:

¹³ *Ibidem*. “Em todo o caso, as línguas preferidas nos planos de ensino médio em toda a Europa foram o francês e o alemão, além – mas muito atrás – do inglês” (p. 173).

Se nada se fez lá [na Madeira], como todos aqui [em Lisboa] reconhecem, é que, à excepção do P.e Schmitz, só se mandaram para lá confrades que não sabem a língua e que nada podiam fazer. (1961:170)

Nos textos escritos em português por Ernesto Schmitz, quer nos artigos científicos, quer nos publicados na revista *A Esperança*, se, como se disse, não houve ajustes de terceiras pessoas, comprova-se que ele dominava a língua e as suas estruturas. Aliás, o artigo da enciclopédia, *supra citada*, já o mencionava:

Não obstante estrangeiro de nascimento era um verdadeiro mestre na etimologia, semântica e gramática portuguesa.

O interesse por Ernesto Schmitz nasceu, exactamente, do seu domínio da língua portuguesa e de uma menção desse facto implícita numa referência bibliográfica, encontrada enquanto se pesquisava informação sobre o falar do Porto Santo, para a tese de doutoramento¹⁴. Verificar que Aniceto dos Reis Gonçalves Viana o considerou uma fonte para o vocabulário regional madeirense, despertou um interesse crescente por Ernesto Schmitz. Evidentemente, a questão que se foi colocando estaria relacionada com a variante regional. Que conhecimentos teria Ernesto Schmitz da variante regional madeirense?

Pensa-se que era vasto o seu conhecimento desta variedade regional, apesar de não se ter achado, por enquanto, nenhum estudo sistemático sobre o assunto. Sendo poliglota, devia ter um ouvido bastante treinado. Esta hipótese permitirá compreender as observações feitas quanto à pronúncia madeirense dos nomes dos pássaros, que foi descrevendo em “Die Vogël Madeiras”¹⁵: “Francelho”, “Milhafre” (lh=lj), “Brilhafé” / “Pardal”, “Pardoa” no Porto da Cruz, “Pardáu”, Melro de rancho na “Serra d’Água” / “Pombo trocaç”, “Pombo preto” no Estreito, “Pombo

¹⁴ Helena Rebelo, *O Falar do Porto Santo. Contribuição para o Estudo do Vocalismo e Algumas Considerações sobre o Estudo do Consonantismo*, tese de doutoramento inédita, apresentada à Universidade da Madeira, em 2005.

¹⁵ *Ibidem*. Gonçalves Viana citou-o como fonte para o vocabulário madeirense que registou nas *Apostilas aos Dicionários*, pp. 36-38.

trocal” na “Serra d’Água”. Anotou alguma variação existente na Madeira e no Porto Santo.

Gonçalves Viana tinha-o como uma fonte segura. Crê-se que foi nos artigos de Ernesto Schmitz que Gonçalves Viana se baseou para o léxico madeirense presente em *Apostilas aos Dicionários Portugueses*. Falta, contudo, fazer esta pesquisa. Deverá constituir, por si só, um estudo a publicar. Aliás, a própria investigação sobre Ernesto Schmitz e o seu interesse por diversas questões linguísticas está apenas no início. Muito mais haverá por dizer com o continuar da pesquisa.

De momento, fica-se apenas com a ideia que tentou ultrapassar o plurilinguismo com a defesa de uma única língua, que pudesse unir as pessoas. Parece ter sido o que fez com o mundo, por ter feito dele a “sua casa”. Se traçássemos o percurso geográfico desta figura marcante da ilha da Madeira, conhecedora do *Mapa Mundi* por o ter parcialmente percorrido, não obstante a sua variação linguística, destacar-se-iam, pelo que se leu a este respeito, a Europa e o Médio Oriente. Da Prússia, veio para Portugal. Do Continente, viajou até à Madeira, de onde, passado um ano, tornou a Lisboa. Regressou, alguns anos depois, à Madeira. Foi até à Bélgica e voltou à Madeira. Foi a Londres e veio de novo para a Madeira. Da ilha, partiu definitiva e fisicamente para a Palestina. Depreende-se que a ilha da Madeira foi o centro das suas viagens.

Mesmo longe, pela correspondência que manteve com alguns ilhéus, nomeadamente, como se disse, com o director da revista *A Esperança*, constata-se que nunca esqueceu o arquipélago. Uma vez na Palestina, terá relembrado, por certo, as suas viagens ao interior profundo da Madeira, e das restantes ilhas (Porto Santo, Selvagens e Desertas). Portanto, contrariamente ao avô de “Viajando pelos mapas”¹⁶,

¹⁶ Francisco Fernandes, “Viajando pelos mapas”, in *Memórias com Mar*, Coleção Terra à Vista, 5, Machico, Arguim Editora Regionalista (Madeira), 2002. O sublinhado foi acrescentado para destacar os excertos mais importantes para o assunto que se está a tratar.

“Sim, porque ele [o avô Quica] vijava nos mapas! Perdia horas estudando mapas de países distantes, descobrindo os nomes das cidades e encaixando-os nos países, percorrendo com a ponta do dedo as estradas internacionais feitas de linhas brancas e vermelhas, as linhas férreas em tracejado preto e branco, os percursos azuis dos rios e seus afluentes. Vijava pelos mares, saltando de continente em continente,

texto da autoria de Francisco Fernandes, Ernesto Schmitz poderá ter percorrido os mapas mentais de uma ilha, que conhecia muito bem por a ter palmilhado de norte a sul e de este a oeste.

subia e descia vales, descansava nas planícies, corria pelas estepes, descia pelos trópicos, ia das zonas quentes às terras geladas, riscava as fronteiras do antes e do depois das guerras.

Carpinteiro naval de profissão, desenhara e construía barcos nos estaleiros do Arsenal, à beira do Almirante Reis, metamorfoseava em peças de mobiliário as tábuas mareadas de barcos desfeitos, transformava em tampos vidrados de mesas de sala, as vidraças naufragadas de navios afundados. De permeio construía viagens de sonho pelo mundo, nos seus Atlas, como se tivesse um agente de viagens ou um barco à vela navegando nos seus olhos azuis.

A primeira viagem real, afinal, só surgiu depois dos setenta anos.” (pp.17-18)